

D. José Gomes: Brasil continua destruindo cultura indígena

Teve início ontem em Florianópolis as comemorações da Semana do Índio — já iniciadas oficialmente no dia 13 e que se estenderão até o próximo dia 20. E que contarão com a presença do Bispo de Chapecó, Dom José Gomes, que irá proferir uma palestra sobre a questão indígena no Brasil

As corajosas posições assumidas nos últimos tempos, em defesa dos povos primitivos, conferiram a Dom José Gomes um sólido destaque nacional, que veio consolidar-se com a sua eleição para a presidência nacional do Conselho Indigenista Missionário — órgão ligado a CNBB — em julho do ano passado. Ele auxilia também a luta dos missionários em duas importantes reservas do Sul do Brasil: a de Xaçupé, em Xanxerê e a de Nonoai — no Rio Grande do Sul.

Nesta entrevista concedida ao repórter Marcos Bedin, da Sucursal de Chapecó, Dom José Gomes aborda a questão indígena.

OE — Quando o Sr. assumiu a presidência do CIMI, foi considerado um progressista dentro da CNBB. Como tem sido a sua ação na condução do CIMI que possa confirmar ou não a sua linha progressista?

Dom José Gomes — Em primeiro lugar, configurar ou não uma ação progressista, penso que é uma questão de linguagem. Pessoas mais engajadas no problema social e principalmente que procuram defender certos princípios em favor dos pobres e oprimidos, abordando questões de terras, são taxadas de progressistas.

Neste sentido talvez fosse feita essa definição. Eu continuo defendendo o evangelho, a justiça e sobretudo continuo defendendo os explorados. Nós, do CIMI, continuamos com as mesmas idéias e com o mesmo trabalho. Logicamente que no CIMI não é apenas o presidente que realiza todo o programa de atuação do Conselho. Nós temos assessoria geral e um pessoal que trabalha nas bases e é com eles que estabelecemos nossa ação. É através desse conjunto que estabelecemos nosso trabalho em defesa do índio.

OE — Como uma das maiores autoridades do indigenismo no Brasil, o senhor poderia indicar quais foram as melhoras que a situação do índio e sua problemática nacional apresentaram nos últimos meses, desde que o senhor assumiu o CIMI?

Dom José — Não creio que sou a maior autoridade do indigenismo brasileiro. Estive ligado ao problema, aqui no Sul, desde 1975. Quanto às melhoras, parece que devemos lamentar que elas foram poucas. Dentro das áreas, os problemas permanecem os mesmos ou se agravaram. Podemos citar como melhora, o fato de os índios estarem assumindo mais a sua própria defesa. É isso que o CIMI quer: que os índios assumam a defesa de sua cultura, de suas terras, de sua vida. Nós não podemos providenciar melhoras substanciais; mas o índio que deve se conscientizar e lutar pela sua própria salvação, naturalmente com o nosso intransigente apoio. Não posso, lamentavelmente, indicar nenhuma melhora na problemática do índio no Brasil.

OE — Os sociólogos dizem ser inevitável a destruição com a perda dos povos indígenas. O senhor concorda com isso?

Dom José — Eu discordo com essa afirmação. No decorrer da História, o Brasil se destaca dos povos americanos como grande destruidor dos povos indígenas. No entanto, a consciência desses povos pode fazer cair essa idéia de que é inevitável a sua destruição. A História mostra que quando os europeus chegaram ao Brasil, encontraram nativos e lutaram quase dois séculos para destruí-los. Atualmente, com esse avanço para a Amazônia, igualmente tenta repetir essa destruição, roubando as terras dos índios e levando a nossa civilização, disseminando doenças que destroem os índios. Mas é possível que os índios possam realmente opor uma barragem a essa devastação, constituindo-se povos autônomos e independentes em sua etnia e

cultura, sem serem destruídos.

OE — Por que nunca foram tomadas decisões sérias e amplas, por parte da Funai, para solucionar a questão indígena do Brasil, como a demarcação das terras, a preservação das riquezas naturais das reservas e a dispensa de maior assistência aos povos nativos?

Dom José — Não podemos entrar no mérito da questão e prometer o que pensa realmente a Funai, para solucionar o problema. Agora é patente que nunca foram tomadas decisões sérias, como a demarcação das terras, que é um dos problemas mais urgentes para as áreas indígenas. Os índios precisam saber onde morar, quais os limites de suas terras. Elas precisam ser delimitadas com urgência. Também não sei porque não há interesse na preservação dos bens e riquezas das reservas. Aqui no Sul do Brasil, a Funai foi a grande destruidora das riquezas vegetais. Aqui em Xaçupé, colocou-se a favor da destruição dos pinheirais, inclusive associando-se grupos econômicos. Em outras terras do Sul, vendeu a madeira extraída em grande escala, como em Palmas, Xaçupé. Isso vem desde o extinto Serviço de Proteção ao Índio. Não sabemos o porquê disso, talvez haja interesses escusos por trás disso tudo. Não há uma preocupação de preservar o equilíbrio ecológico, nem mesmo nas próprias áreas indígenas. O que se nota — e lamentamos — é que não existe nem mesmo interesse, em todo o País, no sentido de se ter áreas conservadas e delimitadas. Nem se deseja ter a preservação das áreas indígenas como instrumento de progresso da própria região.

OE — Qual o elenco de medidas que urgentemente deveriam ser adotadas para amenizar o problema dos índios no Brasil?

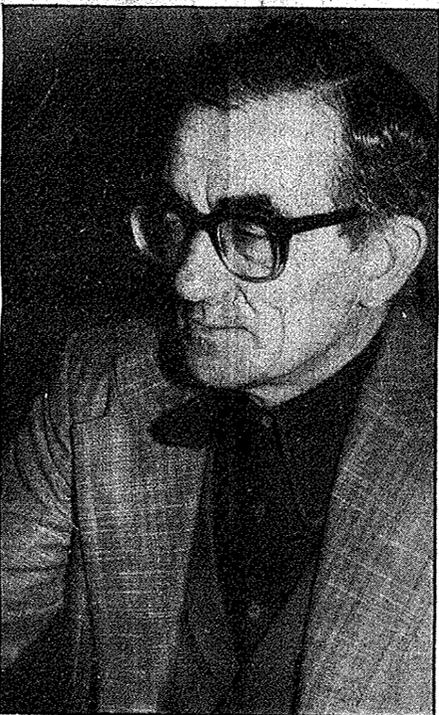
Dom José — A primeira medida seria a demarcação das terras indígenas e protegê-las contra a invasão daqueles que desejam esbulhá-las. Segundo, é a maior assistência para que o índio possa viver como homem a sua cultura, o seu padrão de vida, de acordo com suas tradições, desejos e costumes. Um acompanhamento por parte de pessoas entendidas — sociólogos e antropólogos — no sentido de que o índio seja preservado, a sua cultura preservada, para não destruímos aquilo que é uma riqueza da Humanidade.

OE — A Funai sempre foi combatida pelos indigenistas e antropólogos por apresentar falhas estruturais. Qual seria então o organismo ideal que deveria tratar a questão indígena?

Dom José — Num trabalho com os índios é necessária a participação de gente que entenda. Antropólogos e sociólogos devem dar a sua contribuição, evitando que os índios sejam cultural e etnicamente destruídos. O órgão ideal para isso seria aquele que entrosasse os cientistas sociais e os missionários num trabalho que tenha realmente como meta a salvação do índio, de sua vida e sua cultura. Assim, podemos lutar pela salvação de um povo que está em destruição. Destruição, não por questões antropológicas, mas pela nossa maldade mesmo.



"O Brasil não se importa com a preservação da cultura indígena — uma riqueza da humanidade".



Dom José Gomes luta para preservar a cultura indígena.

OE — Quais seriam as principais falhas da política indigenista e oficial do Brasil?

Dom José — Basicamente, a não demarcação das terras indígenas e a inexistência de interesse para salvaguardar a sua cultura. Os sociólogos, antropólogos e missionários vem bradando há muito tempo para impedir a destruição da cultura e, ao invés disso, pesquisá-la, reconstituí-la se possível. Outra falha muito grave da Funai é que, quando deveria ser adotado um conjunto de medida de proteção, o Ministério do Interior quer repassar aos Estados a tutela e a competência para execução da política indigenista. Isso vai apenas acelerar a destruição dos índios porque os Estados não estão aparelhados para o atendimento específico dos índios. Nos Estados existe uma avidez de tomar conta das suas terras. É o caso de Roraima, onde o governador está pedindo ao Governo Central a decretação de área de segurança nacional, uma faixa de 150 quilômetros da fronteira, onde não poderiam viver os índios porque se constituíram em perigo para a Nação. Isso é gravíssimo: quando a política indigenista deveria defender o índio, está entregando aos seus possíveis e maiores inimigos. Isso representa um grave perigo, porque, transferindo aos Estados a competência de cuidar da questão dos índios, haverá mais possibilidade de esbulho de suas riquezas e seu extermínio completo. Isso porque os governos estaduais são mais sensíveis às pressões políticas. E nós sabemos que a maioria das pessoas que desejam se apossar das terras indígenas são pessoas ligadas à política regional e com grande influência nos governos estaduais.

OE — Neste governo, a presidência da Funai mudou de titular duas vezes. Isso configura uma incompetência do Governo no trato da questão indígena?

Dom José — Podemos ficar firmes nisso: configura uma incompetência do governo de solucionar o assunto. No caso concreto do titular anterior, ele se apresentou como alguém preparado para resolver os grandes problemas indígenas. Mas, logo encontrou a figura dos grandes proprietários e fazendeiros, ou políticos como o Mato Grosso do Sul onde o governador intercedeu contra os índios, que pressionaram, fazendo com que o Ministro do Interior modificasse o presidente. Agora, o presidente da Funai é um homem ligado aos políticos, às multinacionais interessadas na exploração das áreas indígenas.

OE — A questão indígena geralmente a abordagem dos problemas de agricultores sem terra que, por necessidades imperiosas, invadem as terras dos índios criando um duplo problema social. Nesse caso, de que lado se posiciona o CIMI?

Dom José — O problema aqui toma dois aspectos: primeiro o pequeno agricultor, aquele sem terra, que se apossa de terras de índios; em segundo lugar, os grandes proprietários que invadem as terras. Em face a distinção: o pequeno se assenta e os grandes invadem as terras. No caso dos pequenos, a Funai se posiciona frente aos

índios expulsando os pequenos e miseráveis agricultores, pura e simplesmente. Isso é uma injustiça. O que deve haver é um reassentamento imediato com terra para esses pobres. Então não é apenas a Funai, mas também o Ministro da Agricultura. Isso nunca aconteceu. Por exemplo, nos casos de Nonoai (RS) e Rio das Cobras (PR), a Funai, quando os posseiros e índios estavam na iminência de um conflito armado, fez o seguinte: elaborou um convênio para os posseiros assinarem, obrigando-se a deixar a reserva em dois meses, sem nem pensar em reassentamento. Sabemos das histórias tristes deles, que viveram rolando pelas estradas e depois foram depositados — vale mesmo a palavra depositado — em galpões de Porto Alegre. No Norte e em outros lugares, acontece o mesmo: quando o índio expulsa os pequenos agricultores, estes são abandonados pelo Incra, pela Funai. Os grandes, quando se apossam de terras dos índios, somente as abandonam sob a força dos índios, porque o governo nada faz para demovê-los, tentando restituir as terras roubadas pelos fazendeiros. Ultimamente há vários casos onde os índios, por sua iniciativa. Na luta dos índios, para recuperar as terras, temos exemplos dolorosos. Em primeiro lugar a morte dos caciques Ângelo Cretan e Ângelo Pancararê, da Bahia e, ainda, dois índios que foram violentamente assassinados no Pará e jogados ao rio. A Funai não protege os índios nem permite que eles possam defender-se.

OE — Na atual conjuntura nacional, o cidadão médio brasileiro está mais preocupado com problemas econômicos, existenciais e ignora quase totalmente o problema indígena. O que poderia ser feito para criar uma consciência nacional de proteção ao índio?

Dom José — Podemos dizer que um passo muito grande foi dado para proteção ao índio e salvação desse resto de povo que existe no País. A partir dos últimos anos tomou consciência do problema, a Universidade brasileira. As escolas e grande parte da população também iniciaram a discussão do problema. Muitas associações, como a AN Pró-Índio, foram organizadas para debater a questão e tentar salvar o índio. Também podemos considerar que o povo não está muito informado da situação histórica do índio. Nós sabemos, geralmente, apenas a história contada por parte do europeu que conquistou as terras, do bandeirante que devastou esse grande país. Mas nunca se falou sinceramente sobre o massacre de milhões de índios. Quando tomarmos consciência desse cruel massacre praticado contra os índios é que iremos resgatar esse pecado e salvar os 210 mil que sobraram. É simplesmente terrível conhecer hoje a história do Brasil colocando-se ao lado dos índios. Se todos os brasileiros conhecessem a verdadeira história do índio, ninguém deixaria do Brasil, do lado daqueles que foram torturados, massacrados e não do lado daqueles supostos heróis nacionais que, para conquistar uma terra, não tiveram pejo nem vergonha de massacrar seus legítimos donos.



Desde o descobrimento do Brasil, pouca coisa mudou. Os índios continuam a ser perseguidos.



"A principal medida para amenizar o problema é a demarcação das terras indígenas".